

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 04 - Organização e acesso à informação digital

Curadoria de conteúdo: uma proposta para o serviço de disseminação seletiva da informação

Paola Marinho dos Santos¹

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP)

Resumo

O objetivo desse trabalho é compreender como o serviço de Disseminação Seletiva de Informação pode ser uma alternativa para diminuir os efeitos negativos consequentes do volume informacional que é preciso lidar na contemporaneidade. Os problemas relacionados à definição de critérios de escolha em meio ao excesso dificultam no desenvolvimento do conhecimento. A Curadoria de Conteúdos é apresentada como serviço semelhante para comparação e sugestão que integre esses recursos. **Método:** Através de levantamento bibliográfico, serão apresentadas as duas práticas e sugeridos alguns recursos da Curadoria, aprimorando o Serviço de Disseminação Seletiva da Informação. **Resultados:** Foram apresentados os serviços de finalidade correspondentes às necessidades e indicados recursos de estrutura e apresentação da Curadoria, que podem ser utilizados no pacote informacional da DSI. **Conclusões:** Para estimular a assimilação das novas informações, foi mostrado como a integração de alguns recursos utilizados na Curadoria de Conteúdos pode aprimorar o serviço de DSI.

Palavras-chave: Disseminação Seletiva da Informação. Curadoria de Conteúdos. Biblioteconomia. Excesso Informacional. Inovação

¹ Pós Graduada em Gestão da Informação Digital na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Email: paola_marinho@outlook.com

1 INTRODUÇÃO

A Disseminação Seletiva da Informação é um serviço promovido pelo setor de Referência das unidades de informação, o qual tem como objetivo a seleção, a partir de fontes confiáveis, de conteúdos correspondentes aos assuntos determinados pela análise do perfil do usuário, e consiste em enviar periodicamente informações relevantes e este usuário, de forma a mantê-lo atualizado e que este tenha acesso às informações que correspondem aos seus interesses.

Esse serviço pode ser um recurso para amenizar a confusão decorrente do excedente informacional o qual testemunhamos na contemporaneidade, e é responsável pela dificuldade de assimilação, problemas em relação à busca de informações e confusão em relação às fontes de informação disponíveis.

Para tornar o pacote informacional disponibilizado pelo serviço de Disseminação Seletiva da Informação mais interessante e atrativo para o usuário, e agregar valor e sentido aos itens disponibilizados, a proposta é que sejam integrados ao formato deste pacote alguns recursos característicos da prática de Curadoria de Conteúdo, a qual se assemelha ao serviço de Disseminação Seletiva da Informação em relação à busca de informações relevantes, organização e tratamento da informação, porém, contextualiza e propõe uma estrutura narrativa aos conteúdos, de forma que o usuário consiga assimilar o que foi entregue e tenha maior probabilidade de aprendizado, podendo ampliar seu repertório de conhecimento. Essa proposta de integração tornaria-o mais elaborado, de forma que se torne mais interessante ao usuário e revendo a missão desse serviço, como propôs Leonardo Souto (2010, p. 5).

Inicialmente, foi descrita a importância da informação para a humanidade de forma prática, sua contextualização na Sociedade do Conhecimento, o excedente informacional disponível na Internet e suas implicações e a necessidade de alternativas para amenizar os problemas decorrentes dessas implicações. Em sequência, o trabalho apresenta o serviço de Disseminação Seletiva da Informação, contextualizando seu surgimento na Biblioteconomia, suas técnicas, estrutura, seus objetivos e limitações. Subsequente ao tema, é apresentado um histórico do conceito de Curadoria, derivado das Artes Visuais, e uma descrição sucinta dos tipos de curadoria: de dados, digital, da informação e de conteúdos. Finalizando a pesquisa, são apresentados alguns recursos característicos da Curadoria de Conteúdos e descritos como estes podem ser integrados ao serviço de

Disseminação Seletiva de Informação, tornando o pacote informacional mais atrativo e interessante.

2 A IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO

Informação é o recurso o qual o homem utiliza para ter noções de como executar tarefas, conviver em sociedade, lidar com o espaço em que vive, expressar o que pensa e desenvolver novas informações. Cornelsen (1999, p. 9 apud AMARAL, 2004, p. 86) considerou que uma maior quantidade de informação permite que o indivíduo tenha maiores vantagens de sobrevivência e adaptação ao ambiente, logo, a partir dessa afirmação, Amaral (2004, p. 86) considera a informação como “necessidade primária” à vida humana.

Para Barros (2003, p. 68), a informação pode ser entendida como a “matéria-prima indubitável” do conhecimento, ganhando importância ao receber sentido, pois, desta forma, é possível ser interpretada e tornar-se conhecimento.

Davenport e Prusak (1998, p. 4) destacam o significado original da palavra, de “dar forma a”, indicando que é essencial que a informação tenha impacto sobre quem a recebe, alterando sua perspectiva a respeito de algo. Informação não significativa é considerada apenas um conjunto de dados, uma vez que, de acordo com os autores, “dados descrevem apenas parte daquilo que aconteceu; não fornecem julgamento nem interpretação e nem qualquer base sustentável para tomada de ação”.

Essa função instrumental da informação, de ser recurso de sobrevivência humana e ferramenta para gerar novos conhecimentos, ganha destaque quando se depara com o conceito de Sociedade do Conhecimento. Antunes (2000) partiu das observações realizadas por Peter Drucker, na década de 1960, para definir a Sociedade do Conhecimento, na qual o conhecimento passou a ser considerado fator de produção, diferente da antecessora Sociedade Industrial, na qual o poder pertencia aos detentores do capital e da Sociedade Agrícola, anterior a esta, na qual os dominantes sociais eram os detentores da terra (ANTUNES, 2000, p. 32).

Segundo Amaral (2004, p. 86), “a informação, gerando ação (conhecimento), constitui o mais importante recurso de agregação de valor”, diferenciando-se da chamada era industrial, que “tinha como princípio fundamental, a associação de terra, trabalho e capital na forma de criar riqueza” (AMARAL, 2004, p. 86).

O papel desempenhado pela informação - de levar ao conhecimento -, demanda certo cuidado em sua disponibilização como recurso.

É recomendada uma análise qualitativa das fontes e atenção à quantidade de informação recebida. Logo, deve haver critério para receber a informação, advinda de disponibilização ou disseminação (BARROS, 2003, p. 73).

Barros (2003, p. 74) afirma que:

Se a informação tem a força que se lhe atribui, a disseminação da informação procura se apropriar dessa força para, primeiro, canalizar a informação para o usuário e, segundo, buscar a transformação pessoal, pelo desenvolvimento cultural, lidando com o passado, o presente e o futuro, nas suas devidas dimensões.
(BARROS, 2003, p. 74)

A disponibilização e a disseminação, para que o usuário da informação tenha acesso, permite a ele se utilize deste recurso para o seu desenvolvimento. Logo, a disseminação da informação tem como objetivo ampliar o repertório do usuário, apresentando-lhe novas perspectivas e conhecimentos.

Barros (2003) comenta, em relação aos serviços de informação, sobre a relação da comunicação pessoal com a disseminação da informação, assim como também de meios como serviço telefônico, correspondência por correio e, com as evoluções tecnológicas, também os meios eletrônicos de informação e comunicação. A autora afirma que, para o profissional da informação, disseminar não é apenas distribuir o conteúdo disponível, mas selecionar, através de critérios pré-definidos, o que for mais relevante e direcionar de forma assertiva para quem for utilizá-la.

2.1 Informação e as novas tecnologias

A Internet surgiu como novo recurso de disseminação da informação, e devido a sua maior abrangência, segundo Amaral (2004, p. 66) essa característica contribui para a promoção do desenvolvimento social.

Na década de 1970, Martins (1972, p.24) já apontava que o progresso tecnológico teve efeito na sociedade em relação à comunicação. Os meios de comunicação possibilitavam que as informações chegassem por diversos meios, na época os principais eram a televisão, o rádio, o cinema, o teatro e também a palavra

escrita. Desta forma, a comunicação era recebida “[...] sob a forma falada, escrita, sonora, simbólica, pictórica, gesticulada e dramatizada”.

Entre as evoluções e recursos derivados das novas tecnologias, destacamos a Internet, a qual é definida por Amaral (2004) como:

A Internet é um sistema mundial de redes de computadores – uma rede de redes – que pode ser utilizado por qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, onde haja ponto de acesso, e que oferece um amplo leque de serviços básicos, tais como correio eletrônico, acesso livre ou autorizado a informações em diversos formatos digitais, transferência de arquivos. (AMARAL, 2004, p. 39)

Não se deve confundir Internet com a *World Wide Web* (web), que é a parte da Internet possui capacidade de proporcionar acesso imediato à informação, distribuindo-a de maneira dinâmica (AMARAL, 2004, p. 36).

Embora o aumento constante da quantidade e diversidade dos conteúdos disponibilizados na web expanda as possibilidades de acesso à informação, a falta de organização e de estrutura, de acordo com Amaral (2004, p. 69), pode gerar confusão para o usuário, o que pode dificultar o desenvolvimento de novos conhecimentos.

Para Davenport (2001, p. 145), esse volume crescente de informações, assim como barreiras de linguagem ou habilidades nas técnicas de busca, demanda um nível de atenção muito alto no processo da procura de informações. Souto (2010, p. 7) comenta sobre a influência de fatores como falta de familiaridade com as fontes de informação ou indisposição em dedicar tempo à pesquisa tornarem insuficiente a disponibilização dos mecanismos de buscas para sanar as necessidades informacionais do usuário.

Uma alternativa, que pode contribuir como solução em relação à dispersão nas buscas dos usuários, é um serviço denominado Disseminação Seletiva da Informação, derivado do serviço de alertas oferecido pelo setor de Referência das unidades de informação (MACEDO, 1990, p. 9), o qual consiste no envio periódico de informações relevantes selecionadas de acordo com perfil de interesse do usuário.

A Disseminação Seletiva da Informação, também conhecida pela DSI, ou SDI, referente ao termo inglês *Selective Dissemination of Information* (AMARAL, p. 121-122), realiza mais do que apenas propagar informação, porque é direcionada a

perfis específicos de público, não apenas enviando as novas informações interessantes disponíveis, mas canalizando-as de forma definida, evitando assim “perdas e desvios” de conteúdos relevantes ao usuário (BARROS, 2003, p. 58).

O profissional responsável pelo serviço de Disseminação Seletiva da Informação, segundo Sampaio e Moreschi (1990, p. 39), utiliza-se de “técnicas eficazes para o controle, seleção e divulgação do material publicado esparsamente nas várias partes do mundo”.

Barros (2003, p. 59) comenta que “a DSI age como um “filtro” entre o pesquisador e os documentos publicados, e tenta estabelecer um fluxo contínuo de recebimento de informação”, permitindo assim que o usuário se atualize de forma assertiva, evitando a desorientação em seu acesso a novos conteúdos.

3 DISSEMINAÇÃO SELETIVA DA INFORMAÇÃO

A Disseminação Seletiva da Informação é um serviço que se caracteriza no compartilhamento de conteúdo informacional personalizado, considerando importância da informação e a relevância do conteúdo de acordo com o perfil do usuário.

Alguns autores, como Souto (2010, p. 9), consideram a Disseminação Seletiva da Informação o mesmo que os serviços de notificação corrente das unidades de informação, uma vez que ambos os termos referem-se ao processo de envio de informações selecionadas a partir do perfil do usuário.

Sampaio e Moreschi (1990, p. 39) alegam que, na área de Biblioteconomia, o termo disseminação tem sentido de “semear, espalhar a informação”, possibilitando ao usuário a atualização em relação aos novos materiais recebidos pela unidade de informação, ou até mesmo sobre a atualização a respeito de publicações advindas de diversas fontes.

Os elementos característicos do serviço de Disseminação Seletiva da Informação são: “recursos informacionais, perfis dos usuários, selecionador de recursos informacionais com base nos perfis dos usuários, pacote informacional, acesso às informações e retroalimentação” (FREUND; TOMITA, 1978, p. 156 e ROWLEY, 2002, p. 309 apud SOUTO, 2010, p.11).

Esses elementos compõem o processo de selecionar os itens a partir dos recursos informacionais; direcioná-los de acordo com a análise do perfil de interesse dos usuários, que podem ser indivíduos ou grupos, de acordo com Souto (2010, p.

11); desenvolver o pacote informacional personalizado com os conteúdos selecionados de acordo com a correspondência de interesse do perfil analisado; permitir o acesso às informações, disponibilizando-as e/ou enviando ao usuário e permitindo a retroalimentação, na qual o usuário dá seu parecer em relação ao conteúdo recebido, de forma a auxiliar no aprimoramento da oferta do serviço.

O serviço de Disseminação Seletiva da Informação tem como propósito a transferência de informações, o que pode identificá-lo como um processo de comunicação, uma vez que, de acordo com Souto (2010):

Transferência de informação é um processo que envolve o repasse, realizado por uma fonte, da informação gerada por um produtor (emissor) a um receptor, por meio do envio de uma mensagem, fazendo-se uso de algum canal de comunicação e se concretiza por meio da aquisição, análise, interpretação e assimilação da informação por parte daquele que a recebe. Em determinados casos o emissor pode ser entendido como fonte. (SOUTO, 2010, p. 53)

Apesar desse aspecto, para Souto (2010, p. 57) falta aos profissionais da informação compreenderem a “real dimensão da troca”, o que permitiria ao bibliotecário seu reconhecimento como um agente comunicador no meio onde atua, e não apenas um provedor de materiais correspondentes a alguma demanda.

3.1 Comunicação, informação e biblioteca

Através da história da produção dos registros do conhecimento, observa-se a necessidade de comunicação do homem. A oralidade foi o primeiro método de disseminação da informação. Katzenstein (1986, p.16) afirmou que “antes do advento da escrita, a transmissão oral era o único meio de preservar a memória coletiva”, ou seja, antes da criação dos métodos de registros e dos códigos da escrita, as informações eram transmitidas através de discursos em meio familiar e/ou social.

Com a criação de códigos os quais possibilitavam os registros das informações, o homem passou a utilizar suportes, nos quais registrava signos que representavam os itens de seu mundo.

De acordo com Katzenstein:

A origem da arte da comunicação por meio de uma escrita que podia ser lida por outros remete aos sumérios, na Mesopotâmia, há cerca de 3.500

a.C., época em que, na Europa, as únicas comunicações escritas consistiam em gravações da arte rupestre.
(KATSZENTEIN, 1986, p. 22)

Com o início da produção escrita e o surgimento de técnicas e tecnologias capazes de documentar e armazenar as mensagens em suportes (como as tábuas de argila, papiro, pergaminho, etc.), começou a haver o acúmulo desses materiais e essa documentação precisava de algum lugar onde fosse organizada, de forma a tornar acessíveis as informações disponibilizadas.

A seleção e guarda de materiais pelo homem foi observada como meio de agregar itens que dessem sentido ao seu universo, segundo Barros (2014), “o ser humano sempre teve a iniciativa de colecionar, coletar, selecionar objetos, a fim de criar uma amostra representativa de sua realidade capaz de organizar o caos e de reduzir a complexidade do mundo que se vive”.

Assim surgiram as primeiras estruturas, outrora chamadas de "Biblioteca", locais onde se guardavam os registros de informação, principalmente bibliográfica. De acordo com Milanesi (2002, p.21), a ideia mais primitiva de biblioteca veio da necessidade de poder utilizar uma informação significativa inúmeras vezes.

Para Martins (1972, p.24), o surgimento das bibliotecas, museus e arquivos foram meios de institucionalizar a comunicação, de forma a preservá-la para a comunidade através dos tempos.

Inicialmente, os acervos de biblioteca eram constituídos por material proveniente de doações e heranças. A partir de reuniões promovidas pela UNESCO em Lima (1973) e Turrialba (1974), ficou estabelecido que biblioteca como "parte integrante dos meios de comunicação de massa" (FONSECA, 2007, p.49).

Placer (1968, p.19) comenta que o status da biblioteca como local de apenas para guarda de livros, e do bibliotecário apenas como guardião desses registros, perpetuou até o século XVIII, quando o surgimento de técnicas específicas para a gestão do acervo e das atividades as quais competiam os serviços prestados, modificaram conceito de biblioteca, tornando-a mais dinâmica. Essa característica repercutiu na forma da unidade de informação atingir seus objetivos básicos, correspondentes à de preservar as informações e possibilitar sua recuperação e a disseminação (MARTINS, 1972, p.25).

As atividades da biblioteca foram distribuídas em diversos departamentos, os quais, sistemicamente, atuavam de forma a cumprir os objetivos da instituição em

relação à sociedade, o que fez do bibliotecário além de um técnico especialista, também um guia, e até mesmo educador, (PLACER, 1968, p. 19) uma vez que a informação formal era limitada.

Ao profissional designado para atuar no setor de Referência, cabe a função de promover as obras do acervo, auxiliando para que cada leitor encontre o livro que atenda à sua necessidade, uma vez que o desinteresse, a falta de identificação com o serviço de informação e o desconhecimento dos conteúdos ofertados não estimula o usuário ao uso dos itens disponíveis. Esse profissional deve falar com os leitores e cativá-los. Essa interação humano para humano permite a observação dos gostos e carências do usuário, assim como suas ações, reações, simpatias e antipatias, permitindo assim que o profissional, que já tem conhecimento prévio do seu acervo, possa indicar a obra que vá de encontro com o perfil intelectual e psico-sociológico do leitor com maior assertividade (RANGANATHAN, 2009).

Ranganathan (2009, p.198) compara o serviço de referência, quando exercido por um profissional competente, a um caleidoscópio, pela capacidade de apresentar diversas facetas do conteúdo, de forma que todas possam ser vistas e cada uma delas possa atrair aqueles para os quais apresentam interesse.

3.2 Serviço de referência

A palavra “referência” vem da origem latina *referentia*, a qual designa ação de referir, contar, relatar. O verbo referir, de origem latina, *referre*, tem entre seus significados: responder, repetir, indicar, informar (MARTINS, 1972, p. 10).

Na unidade de informação, o Serviço de Referência objetiva-se ao atendimento pessoal e direto ao usuário. Hutchins (1973, p. 3) transcreve a tentativa de 1929 feita por James I. Wyer, - na A.L.A., *ReferenceWork*, Chigago (1930), de definir o serviço como “uma ajuda pessoal, direta ou simpática e informativa na interpretação das coleções da biblioteca para estudo e pesquisa”, mas, para Hutchins (1973), essa definição se tornou obsoleta cedo, devido aos departamentos criados pelas unidades de informação de assistência na educação de adultos.

Apesar de ter sido reconhecido pelos manuais da A.L.A. apenas em 1930, no ano de 1876, as quatro missões do profissional de referência foram definidas em um artigo de S.S. Green como:

- ajudar os usuários a compreender o funcionamento da biblioteca

- responder às perguntas dos usuários
 - ajudar os usuários a selecionar as obras boas
 - promover e personalizar os serviços da biblioteca
- (S.S. GREEN, 1876 apud ACCART, 2012, p. 7)

O Serviço de Referência “é o processo de estabelecer contato entre o leitor e seus documentos de uma maneira pessoal. “Seus documentos” significa cada um dos documentos necessitados por ele, no momento” (RANGANATHAN apud MARTINS, 1972, p. 13), logo, o bibliotecário tem como objetivo a recuperação da informação de forma a servir ao usuário (MARTINS, 1972, p. 27). Esse serviço pode ser confundido com o serviço de documentação devido a essa característica, porém, se diferem, uma vez que o objetivo da documentação é “tornar imediatamente acessíveis os registros de todas as formas de atividade intelectual” (BRADFORD apud MARTINS, 1972), disponibilizá-los, enquanto o Serviço de Referência providencia o material exato ao consulente.

Rettig (s.d. apud GROGAN 1995, p.51) alegou que o Serviço de Referência consiste em “um processo essencialmente de comunicação interpessoal com a finalidade específica de satisfazer a necessidades de informação de outrem”, e utiliza para isso elementos da Teoria da Comunicação, quando o bibliotecário (produtor) encaminha alguma coisa ou solução (mensagem) ao usuário (receptor) (PLACER, 1968, p.22).

Barros (2003, p. 73) ressalta que as atividades básicas de filtrar, preparar e gerir a informação são imprescindíveis na oferta informacional promovida pelo Serviço de Referência, e sobrepõem a disponibilização dos materiais para consulta e empréstimo nas unidades, porém, a autora aponta que há certa negligência de alguns profissionais atuantes no setor de referência em relação a esses processos:

As atividades básicas do profissional da informação alocado no Serviço de Referência e Informação, continuam sendo aquelas já conhecidas – mas, nem sempre desenvolvidas e/ou levadas a sério: filtrar a informação, preparar a informação e gerir a informação que, evidentemente, extrapolam a disponibilização da consulta e do empréstimo.
(BARROS, 2003, p. 73)

Segundo Souto (2010, p. 3), é necessária a conscientização do profissional sobre a importância em disseminar a informação, não apenas se mantendo passivo em relação ao usuário, em condição reativa, mas, além de suprir a demanda direta, assumir uma posição proativa, partindo da análise prévia dos perfis de usuário,

selecionando as informações relevantes correspondentes ao perfil pré-definido, que possam despertar o interesse do usuário e notificando-o periodicamente, o que possivelmente supriria uma necessidade já existente ou poderia ser um recurso de estímulo de outras necessidades informacionais (ibidem, p. 4). O envio periódico de informações relevantes permite ao usuário expandir seu repertório, partindo de uma curiosidade ou de alguma carência informacional, o qual, até então, o mesmo não tinha consciência.

Macedo (1990, p. 9), dividiu o Serviço de Referência em cinco linhas, sendo a primeira o processo de referência em si (o qual busca sanar a questão apresentada pelo usuário); a segunda linha relacionada à educação do usuário (em relação à orientação espacial, rotinas da unidade de informação e orientação sobre utilização dos produtos e serviços da unidade); a terceira linha referente aos serviços de alerta e disseminação da informação (que visam o envio periódico de informações relevantes, novidades e atualizações de conteúdo informacional); a quarta linha sobre a comunicação visual/divulgação/promoção da biblioteca (o marketing promotor da unidade de informação) e a quinta linha sobre a administração/supervisão/avaliação do setor (gestão da unidade, principalmente do serviço de referência).

A terceira linha, correspondente ao serviço de alertas e disseminação da informação, tem por objetivo esse envio periódico de informações relevantes correspondentes aos perfis do usuário.

Amaral (2004, p. 121-122) comenta que o serviço de Disseminação Seletiva da Informação consiste na definição de termos-chave que expressem os assuntos de interesse do usuário, a partir do perfil pré-definido, e busca na coleção os conteúdos correspondentes a esses assuntos, e notifica ao usuário sobre a coletânea de conteúdos relevantes ao seu interesse e necessidade informacional.

3.3 A técnica da disseminação seletiva da informação

O serviço de Disseminação Seletiva da Informação leva em questão a importância de se atentar a o que disseminar, para quem, com que fim, como disseminar, com que recursos e onde disseminar (MULLER, 1990 apud BARROS, 2003, p. 55-56). Para responder a esse questionamento, é necessário levar em consideração as fontes de informação consultadas; o perfil do usuário; a finalidade

de oferta do pacote informacional disponibilizado (sanar uma questão pré-existente ou estimular a curiosidade sobre uma nova questão que possa interessar ao usuário); o formato de entrega do pacote informacional e a estrutura de organização e contextualização da informação; os recursos informacionais, humanos e tecnológicos e os canais de disseminação utilizados pelo profissional da informação para disponibilização do pacote informacional.

Sendo o objetivo do serviço de Disseminação Seletiva da Informação auxiliar o usuário no direcionamento informativo, de maneira que esse tenha acesso ao conteúdo selecionado de forma qualitativa de acordo com seus interesses, é primordial que se faça o estudo e análise do seu perfil pré-estabelecido, para que assim sejam estipulados os objetivos os quais definirão os assuntos dos conteúdos que integrarão o pacote informacional disponibilizado pelo serviço.

Souto (2010, p. 12) comenta a importância dessa análise prévia dos perfis, alegando que o estudo do usuário permite a identificação das necessidades informacionais, o que auxilia, inclusive, na definição dos metadados de busca em sistemas automatizados de Disseminação Seletiva da Informação.

Mondschein (1990, p. 265 apud SOUTO, 2010, p. 31) atribuiu a Hans Peter Luhn, da IBM Corporation, o desenvolvimento do modelo de sistema de automação do serviço de Disseminação Seletiva da Informação, na década de 50 do século XX, o qual relacionava as informações de perfis de usuários com as informações através de programas de computador. Alguns autores, como Shultz e De Groot (2003, p. 461 apud SOUTO, 2010, p. 32), comentam que a literatura apresenta Luhn como pioneiro no serviço de Disseminação Seletiva da Informação, na década de 1950 (ibidem), porém, outros autores, como Housman (1973, p. 222 apud SOUTO, 2010, p. 32) consideram que o sistema desenvolvido por Luhn é a automação de uma função clássica da Biblioteconomia.

A inovação de Luhn, porém, permitiu que o serviço tivesse maior abrangência devido à informatização (SOUTO, 2010, p. 32). A automação proporcionou também maior facilidade para os profissionais, “agindo como um “filtro” entre a avalanche de publicações” (SAMPAIO; MORESCHI, 1990, p. 41), o que permite maior agilidade para os profissionais da informação no desenvolvimento dos pacotes informacionais, fator que, além de poupar o tempo do leitor, como relatou Denis Grogan (1995) sobre o uso da tecnologia nas unidades de informação,

melhorou a imagem dos bibliotecários, devido à agilidade propiciada para as respostas aos usuários.

Embora o serviço de Disseminação Seletiva da Informação proporcione as informações selecionadas de acordo com o perfil pré-estabelecido, e a automação permite que os assuntos dos conteúdos correspondam aos termos-chave definidos pela análise do perfil de interesse do usuário, Barros (2003, p. 60) questiona se os patamares de satisfação dos usuários desse serviço permanecem os mesmos das décadas de 80 e 90 do século XX, dado o avanço das tecnologias que permitiram a ampliação de serviços dessa natureza, e a criação de serviços com fins similares.

Souto (2010, p. 116) comenta que a automação do serviço de Disseminação Seletiva da Informação afastou o agente humano do usuário, reduzindo o grau de interação entre eles. Contudo, a interatividade no meio virtual, já prevista por Luhn em 1958 (LANCASTER, 1968, p. 64 apud SOUTO, 2010, p. 116), permite ao profissional da informação uma retroalimentação mais dinâmica dos serviços de Disseminação Seletiva da Informação, auxiliando na redução dos conteúdos indesejados, refinamento e/ou atualização do perfil de interesse do usuário, uma vez que o usuário tem a possibilidade de relatar o nível de relevância das informações recebidas.

Esse contato também permite ao profissional da informação customizar os pacotes informacionais de acordo com as preferências do usuário, inclusive de personalizar a interface da entrega do pacote informacional. Souto (2010, p. 57) aponta a falta de preocupação dos profissionais em relação a essa personalização. Davenport (2001, p. 143) aponta que a customização de produtos é um recurso de aderência do usuário ao serviço, sendo uma forma de co-criação, a qual aproxima o usuário. Souto (2010, p. 57) considera a importância dessa estratégia de acordo com observação das diversidades dos usuários, seja em relação a interesses, contexto, conhecimento prévio e necessidades.

Outro ponto levantado por Barros (2003) em relação aos pacotes informacionais é em relação ao formato de apresentação das informações. Para a autora, “se o seu conteúdo é a informação, enquanto mensagem, esse "formato" está dado pelo veículo e pelas estratégias utilizadas no processo que configura a disseminação” (ibidem, p. 56-57), uma vez que apenas a divulgação de uma condensação de conteúdos relevantes não torna interessante e, muitas vezes, não compreensível ao usuário que recebe o pacote informacional.

Além do desinteresse, também é comum, conforme relata Souto (2010, p. 5) que muitos serviços de Disseminação da Informação estão estruturados partindo da dedução de que o usuário tem clareza da informação que necessita. O autor também comenta sobre a necessidade de revisão da missão dos serviços de informação, alegando o aspecto operacional, atribuído aos processos de “organização, busca, localização, identificação e envio de informações” (SOUTO, 2010, p. 5), pode ser estruturado de forma que não seja apenas o envio periódico de um compilado de conteúdos referentes ao interesse do usuário, mas um meio de educar e formar, por meio de mediação, observando as particularidades de fatores cognitivos, personalidades e sentimentos, identificando suas necessidades e auxiliando no seu processo de construção do conhecimento.

Semelhante ao serviço de Disseminação Seletiva da Informação, há um serviço denominado Curadoria de Conteúdos, sobre a qual comenta Rigo (2013, p. 41): “Na era da informação, a atividade de identificar, selecionar e compartilhar cria uma nova profissão na cena digital: o curador de conteúdos”, que seria o agente capaz de selecionar, organizar, tratar e ofertar a informação de forma precisa, poupando o tempo do usuário e contemplando a sua demanda informacional.

Embora a seleção, organização, tratamento e oferta da informação também sejam atribuídos ao serviço biblioteconômico de Disseminação Seletiva da Informação, o curador de conteúdos tem a preocupação de contextualizar o conteúdo selecionado. Segundo Rosenbaum (apud MELO, 2015, p. 56), a “agregação sem curadoria é apenas uma pilha de coisas que parecem se relacionar mas não possuem uma organização qualitativa”, ou seja, apesar de constituírem um conjunto coerente de materiais sobre um referido tema, esse conjunto não possui sentido por si só.

A integração das técnicas de contextualização, estrutura narrativa e conceituação, as quais a Curadoria de Conteúdos utiliza para estimular a compreensão do sentido aos usuários, pode ser uma estratégia para agregar valor aos pacotes informacionais do serviço de Disseminação Seletiva da Informação, permitindo assim que estes não se limitem à resposta pontual de uma necessidade de informação pré-definida, mas promovam o estímulo do desenvolvimento do conhecimento. De acordo com Wurman (1991, p. 182), o conhecimento é fruto da compreensão do tema e das variações disponíveis a respeito da temática que envolve os elementos.

4 CURADORIA: HISTÓRICO, CONCEITO E DEFINIÇÕES

A palavra “curador” vem do latim *curare*, que recebe em nossa língua o sentido de “cuidar” ou “conservar” (LEONZINI, 2010, p. 10). Na edição do ano 2007 do dicionário HOUAISS, Villar (p. 892, 2007 apud SANTOS, 2014, p. 22) definiu a curadoria como: “ato ou efeito de curar, função, atributo, cargo, poder de curador, curatela”.

No campo das Artes Visuais, o curador é o responsável por organizar, administrar e dar sentido a uma exposição de arte. Não há registro oficial de quando o termo começou a ser utilizado para denominar o ofício nesse campo. Há quem atribua a origem do curador ao momento de criação da Galeria Uffizi (Florença, Itália) – considerada o primeiro museu da história -, no final do Cinquecento, pela necessidade de organização e contextualização das obras naquele espaço. Porém, foi em 1855, com a abertura da exposição do artista Gustave Courbet, curada por ele mesmo, que houve seu marco (RAMOS, A., 2010, p. 10). Courbet “criou o contexto de observação de suas obras” (RAMOS, D., 2012, p. 14), o que o identificou como curador, uma vez que a Curadoria visa a atribuir sentido ao significado das obras.

Devido ao excesso informacional com o qual lidamos cada vez mais, o curador é a figura que surge da necessidade de esclarecimento, alguém que trate a informação, para poder, então, disseminá-la. Esse tratamento envolve o processo de “seleção, avaliação, armazenamento e disseminação de objetos e coleções” (SANTOS, 2014, p. 132). O termo Curadoria é utilizado para denominar as práticas as quais tem como fim de que um conteúdo dispersado e aleatório seja transformado em algo funcional para quem o consoma.

Desta forma, tipos de curadoria relacionados à informação foram desenvolvidos para possibilitar que os conteúdos disponibilizados na rede possam ser melhor utilizados pelos indivíduos que buscam informação.

Porém, Ramos (2012, p. 14), ainda acrescenta que o papel do curador implica em “indicar algumas direções para a exploração que certamente deve ser mais detalhada para que possamos entender a estrutura”. Assim como, para Tejo (2010, p. 156), o curador [de artes] tem como papel reposicionar o entendimento sobre a arte através de uma crítica que permita a criação de uma narrativa na qual seu público sintam-se em uma experiência intelectual, espacial e visual, pode-se dizer

que o Curador da Informação Digital modela da forma cultural o conteúdo informacional.

Sobre o ato de curar, Graça (2016) alega que tanto o curador de arte quanto o curador da informação não tem apenas a tarefa de seleção de materiais e que:

[...] ambos consideram o valor educacional, a proveniência e se a informação é digna, antes de decidir como melhor exibir esse artefato, ou documento. Ambos selecionam, avaliam, classificam, organizam, partilham, asseguram a proteção e preservação de conteúdos de arquivo/artefatos, ou seja, de registros e documentos de valor histórico. Os dois relacionam, organizam e partilham o melhor e mais relevante conteúdo de um assunto específico, dando sentido a todo o conteúdo criado por outros. (GRAÇA, 2016, p. 72)

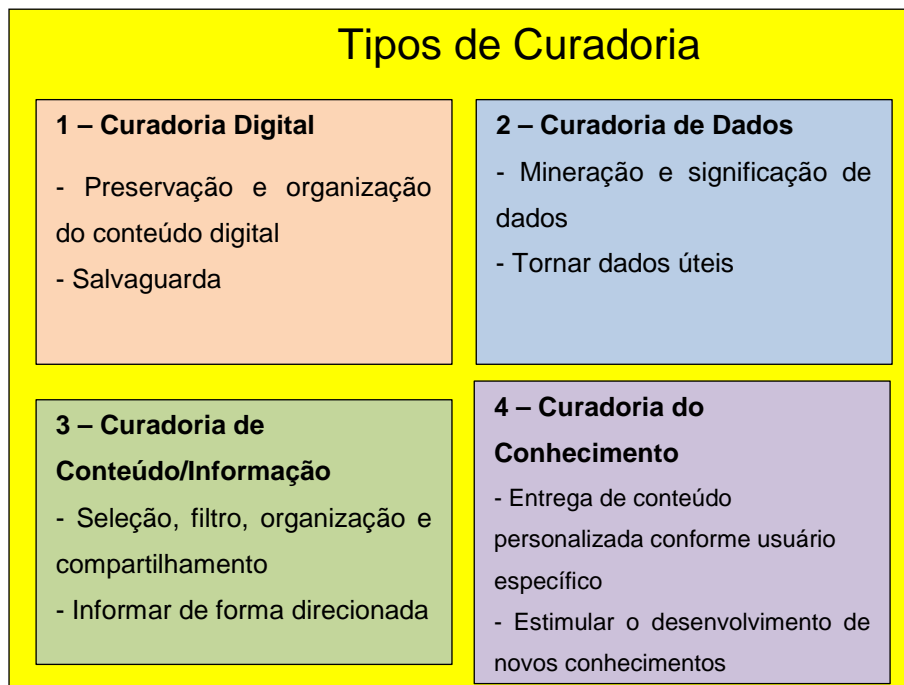
Ou seja, não basta apenas a seleção prévia do material mais adequado, a partir de fontes confiáveis, conteúdos claros, informações úteis e as quais possam responder da melhor forma ao consulente do item de forma mais assertiva, o curador também tem como função agregar valor à informação através do sentido e estrutura que ele define para disponibilizar esse conteúdo.

Graça (2016) afirma que “O papel do curador de conteúdos oferece contexto e percursos alternativos ao utilizador, de modo a valorizar as informações por ele trabalhadas e disponibilizadas”, esses percursos permitem a melhor assimilação do conteúdo disponibilizado para o usuário. O objetivo da Curadoria é a de que informação se torne conhecimento para quem a recebe, não apenas dados disponibilizados.

Para isso, ela se utiliza dos recursos de definição prévia do perfil do usuário/seleção da audiência (pois, conhecendo-o, é possível que o método, linguagem, signos e suporte/plataforma utilizados sejam os mais adequados, que se sintam confortáveis, de forma que isso proponha certa naturalidade e ele assimile pelo pertencimento, de forma fluida), seleção de diversos materiais referentes à questão, análise dos objetivos do autor dos conteúdos para compreensão da sua intenção e possibilidade de agregar mais significado ao material selecionado, bem como valor ao conteúdo, estrutura narrativa curatorial (derivada do campo das artes) e escolha do melhor ambiente para disponibilizá-la.

As nomenclaturas mais recorrentes em relação ao termo Curadoria são: Curadoria Digital, Curadoria da Informação, Curadoria de Dados e Curadoria de Conteúdos, que são práticas que utilizam do conceito curatorial para tratar o material

disponível nas redes de informação, porém, embora o objetivo e matéria-prima sejam similares, as práticas se diferem.



(Fonte: elaborado pela autora)

A curadoria digital tem como objetivo a guarda, organização e preservação dos conteúdos digitais, de forma que estes não se percam pela volatilidade das informações na rede e outras gerações tenham acesso, como a ideia mais primitiva atribuída às bibliotecas (MILANESI, 2002). Graça (2016) aponta a Curadoria Digital como o serviço que:

Tem como objetivo salvaguardar os objetos digitais, possibilitando o acesso e o reuso em todo o seu ciclo de vida. O retorno desse valor despendido é a partilha de dados, reduzindo a duplicação de esforços na criação destes e os tornando disponíveis para a obtenção de novos conhecimentos. (GRAÇA, 2016, p. 72)

A curadoria de dados tem o intuito de mineração e significação dos dados disponíveis na rede, de forma a dar-lhes sentido e torná-los úteis. Geralmente relacionada ao assunto Big Data, que “refere-se a um grande volume de dados e o conjunto de soluções tecnológicas para tratar esses dados digitais. Relaciona-se com a percepção e compreensão de informações analisadas em grande escala” (COSTA, 2014, p. 192), uma vez que apenas a mineração e seleção feita através

das plataformas necessitem de análise e significação para que tenham sentido e utilidade, e não seja apenas um apanhado de dados correlacionados por termos semelhantes, mas que não sejam úteis, e que o foco seja na organização e preservação, assim como na Curadoria Digital. Santos (2014, p. 105) salienta que a conceituação das curadorias de dados e digital se aproximam por sua preocupação com a manutenção dos dados a longo prazo.

A Curadoria da Informação se confunde na literatura com a Curadoria de Conteúdos, sendo considerada a mesma prática por alguns autores, como Salvagni e Graça. Graça (2016, p. 72) aponta o surgimento do profissional responsável pela gestão de conteúdos e indicado a lidar com os desafios decorrentes do excesso informacional utilizando-se das duas nomenclaturas “o curador da informação surge neste contexto, podendo ser denominado como curador de informação digital, ou curador de conteúdos”. Salvagni (2015, p. 377) também não diferencia os tipos de curadores, identificando o profissional curador como o responsável pelos processos característicos da prática ao afirmar que “o curador da informação – ou de conteúdo apresenta-se como alguém que filtra, organiza, seleciona”.

Embora haja essa confusão de nomenclaturas devido a semelhança de objetivos e técnicas, a Curadoria de Conteúdos vai além, ela tem um papel ativo de mediação, não apenas disponibilizando o material, mas propondo uma estrutura na qual os conteúdos significativos se agrupem e expliquem com essa formação a respeito da temática, além de oferecer novas possibilidades de conteúdos interrelacionados ao assunto inicial, despertando assim a curiosidade do usuário e promovendo o interesse a outras temáticas as quais ele possa nem ter pensado inicialmente. A respeito das competências do Curador de Conteúdos, Côrrea e Bertocchi afirmam que:

Um curador de conteúdos é capaz de agregar novas e inusitadas perspectivas à informação, oferecendo aos seus usuários a surpresa, o inesperado ou simplesmente aquilo que o usuário nem imaginaria existir no mundo e sobre o mundo, ampliando seu próprio entendimento de mundo. (CÔRREA; BERTOCCHI, 2012, p.32)

Salvagni (2015, p. 380) indica o curador de conteúdos como o “sujeito que deseja sempre montar o quebra-cabeça, reunir os fragmentos”, sendo assim, os itens reunidos pelo curador, além de ter a temática em comum, também se complementam de algum modo dentro da narrativa.

O intuito da Curadoria de Conteúdos se objetiva em poupar o tempo do leitor. Rigo (2013, p. 36) aponta a Curadoria de conteúdo como “a atividade de garimpar a rede em busca dos conteúdos mais relevantes, de forma a economizar o tempo de busca do usuário pela melhor informação”.

Rosenbaum (2011, p. 3-5 apud RIGO, 2013) define a importância do papel humano no processo de Curadoria:

Uma atividade de agregação, por exemplo, reúne todos os vídeos relacionados a uma palavra-chave, sem oferecer valor para esta coleção, é algo feito pelos mecanismos de busca, de forma automática, e não pelo curador. Segundo o autor, a curadoria tem a ver com re-mediação, utilizando um filtro humano, através de julgamento qualitativo na organização e compartilhamento destes conteúdos.
(ROSENBAUM, 2011, p. 3-5 apud RIGO, 2013, p.42)

A partir dessa afirmação, pode-se observar que o processo de seleção feito por mecanismos de busca, apesar de trazerem resultados correspondentes à questão, não bastam para sanar a necessidade de conhecimento do usuário.

Salvagni (2015, p. 380) fala sobre o profissional que oferece esse serviço como “o sujeito-curador de conteúdo é, pois, legitimado pela sociedade atual como aquele capaz de selecionar melhor, oferecer o melhor ou aquilo que é mais importante”, ou seja, é alguém que realiza buscas e utiliza senso crítico para selecionar o conteúdo mais relevante, além de inseri-lo em um contexto para que tenha sentido a quem acessa.

Serviços *on-line* como o site *Catraca Livre*², projeto do jornalista Gilberto Dimenstein, no qual o “objetivo era misturar linguagens de comunicação, educação e empoderamento comunitário” (CORTELLA; DIMENSTEIN, 2016, p. 12) foi desenvolvido com a intenção de ser um meio nos quais os conteúdos se agrupassem de forma resumida, simples e que disponibilizassem a fonte do conteúdo original para que o usuário, caso se interesse em aprofundar a temática, possa acessá-lo. A justificativa das intenções do jornalista com o projeto foi sua percepção de que “a informação não pode estar desprovida do contexto, caso contrário não gera conhecimento” (ibidem, p. 11) e que a função do jornalista no futuro seria a de agregar elementos que gerassem contexto para as notícias de forma que essas se tornassem úteis para quem as consultassem.

² <https://catracalivre.com.br/brasil/>

Outro nome de referência no assunto Curadoria de Conteúdos é a búlgara Maria Popova, fundadora da plataforma “*Brain Pickings*”. A revista Forbes³, em 2012, a elencou na lista dos maiores inovadores antes dos 30 anos de idade, alegando que o intuito de Maria Popova é “tornar seus leitores mais espertos”, e que a plataforma começou com o envio informal de e-mail para amigos e em 2012 sua plataforma contabilizava por volta de um milhão de inscritos. O periódico americano The New York Times⁴ publicou uma entrevista com a curadora no mesmo ano, na qual Maria alegava que a intenção de seu trabalho era a de “ajudar as pessoas a se interessarem por coisas as quais elas desconhecem e possam vir a se interessar a partir dali”⁵. A criadora da plataforma alega que a Brain Pickings é um tipo de biblioteca do Século XXI., na qual ela apresenta em outro formato as informações relevantes.

Atualmente, a plataforma encontra-se ativa, e possui campo de inscrição a quem se interesse em receber os boletins periódicos desenvolvidos pela curadora. O pop-up de inscrição apresenta uma mensagem indicativa do intuito da página e seu objetivo de ser seletor de conteúdos relevantes, atualizados e que mantenham o leitor informado:

Eu sei, eu sei. *Pop-ups* não são elegantes. Mas, este é o ponto: a internet é uma bagunça e um lugar de distração, e Seleção Cerebral é uma leitura contemplativa. Então, por que não dar um lugar apropriado para a reflexão? Todo domingo de manhã, entrego os artigos mais interessantes da semana em uma seleção filtrada direto na sua caixa [de e-mail]. O que acha?⁶
(fonte: Brain Pickings)

Popova e Dimenstein cumprem as funções de Curadores de Conteúdos, uma vez que, segundo Bhargava (2009 apud Rigo, 2013, p. 41) a função desse profissional se caracteriza em “Coletar e compartilhar o melhor conteúdo on-line para outros consumirem e assumirem o papel de cidadãos editores, publicando compilações de grande valor de conteúdo criado por outros”. O fato dos conteúdos compartilhados não serem propriedade do curador demandou da criação de um

³ https://www.forbes.com/special-report/2012/30-under-30/30-under-30_media.html

⁴ <http://www.nytimes.com/2012/12/02/fashion/maria-popova-has-some-big-ideas.html?pagewanted=all>

⁵ helping people become interested in things they didn't know they were interested in, until they are.

⁶ I know, I know. Pop-ups aren't classy. But that's the point: The Internet is a messy and distracting place, and Brain Pickings is contemplative reading. So why not give it proper room for reflection? Every Sunday morning, get the week's most interesting articles in one distilled digest straight to your inbox. What do you say?

código denominado *Curator's Code*⁷ por Maria Popova, que funciona como um código de ética o qual garante a atribuição das autorias dos conteúdos originais.

Algumas empresas brasileiras oferecem um serviço personalizado de Curadoria, com o foco mais direcionado a um usuário específico, assim como ocorre no Serviço de Referência, o qual denominam como “Curadoria do Conhecimento”, onde a proposta sobre esse serviço é “transformar a informação em conhecimento para a melhor tomada de decisões”⁸, e seu produto é um pacote informacional, composto por conteúdos de formatos selecionados de diversas fontes sobre o assunto solicitado pela demanda do cliente, segundo descrito na página da empresa.

A empresa Inexplorato, fundada pela Publicitária e Cientista Social Débora Emm em 2010, também veio com o propósito de atender a necessidade de informação em busca de geração de conhecimento em relação ao excesso de fontes.

A proposta inicial da empresa foi a criação de caixas que, segundo a empresa, “coloca a pessoa em contato com universos até então desconhecidos e descobrir conhecimentos que já estavam ali, adormecidos e potencializá-los” (CASTRO, 2014, p. 17). Em 2016, a empresa lançou a plataforma MAPPA⁹, na qual a intenção é ofertar um serviço com o mesmo propósito das caixas, porém de forma mais acessível.

Utilizando questionários em linguagem informal, esta plataforma propõe questões de múltipla escolha, de forma que possibilite a filtragem através de algoritmos (os quais eles denominam na plataforma de algoritmo detetive) dos possíveis conteúdos que possam ir de encontro com o perfil cultural e psicológico do usuário. Periodicamente, a plataforma envia conteúdos selecionados através dos algoritmos e editados pelos curadores da empresa, de forma que o que oferecem seja personalizado de acordo com o perfil proposto pela empresa e chegue ao público de forma mais objetiva e coloquial, para que este utilize de forma descontraída, o que facilite a sua assimilação e desperte seu interesse.

⁷ <http://curatorscode.org/>

⁸ <http://www.cmm.art.br/curadoria-de-conhecimento/>

⁹ <https://www.mappa.cc/>

Além dessa disseminação seletiva da informação, eles também propõem desafios, possibilitando que o usuário assimile os conteúdos para aplicá-los na execução da missão.

A Curadoria é um caminho para o desenvolvimento do conhecimento através da informação, uma vez que possibilita a descoberta de novas informações e também proporcione conteúdos além das respostas à sua questão inicial, em uma estrutura de percurso que contextualiza informações e agrega outras novas informações forma integrada.

5 RECURSOS CARACTERÍSTICOS DA CURATORIA APLICÁVEIS AO PACOTE INFORMACIONAL

O serviço de Disseminação Seletiva da Informação tem como objetivo a entrega de conteúdo selecionado através da análise da relevância das informações correspondentes ao perfil de interesse do usuário de forma a facilitar seu acesso à informação de forma direcionada, permitindo que a partir dessas informações, seu conhecimento se amplie (SAMPAIO; MORESCHI, 1990, p. 40).

Para que o pacote informacional tenha melhor aproveitamento pelo usuário, o profissional da informação pode utilizar alguns recursos característicos da Curadoria de Conteúdos de forma a otimizar o formato e estrutura de disponibilização dos conteúdos, o que tornaria a experiência do usuário mais interessante e haveria maiores chances de assimilação do conteúdo direcionado, aumentando a utilidade do pacote informacional.

Parte do processo de Curadoria se dá na seleção dos itens, o que corresponde às atividades do serviço de Disseminação Seletiva da Informação, porém, a produção de conteúdos na Curadoria se dá quando o profissional, a partir dos conteúdos selecionados, define o objetivo cognitivo que quer atingir em relação ao usuário, faz pautas sobre a temática, descreve o percurso que o usuário deve seguir entre os conteúdos e organiza os conteúdos selecionados nesse percurso.

O quadro a seguir aponta as convergências e divergências entre as práticas:

	D.S.I.	CURADORIA DE CONTEÚDO
Seleção	✓	✓
Filtro	✓	✓

Organização	✓	✓
Compartilhamento	✓	✓
Contextualização	✗	✓
Relações entre os elementos	✗	✓
Estrutura narrativa curatorial	✗	✓

(Fonte: elaborado pela autora)

Os percursos alternativos e contextos para estruturar os conteúdos utilizados pelo curador (GRAÇA, 2016, p. 72) seguem a lógica de trilha para o aprendizado, feita através de conexões de interesse, independente da escolha do ponto inicial pelo qual o usuário decida explorar (WURMAN, 1991, p. 148), de forma que os conteúdos correspondentes dialoguem entre si, mas sejam independentes de uma sequência para terem sentido.

As relações variadas entre os elementos, correspondendo a determinado tema, segundo Wurman (1991, p. 182), permitem melhor entendimento sobre cada um dos elementos e sobre o contexto e conceito dessas relações. Os elementos que compõem o pacote informacional contemplam o mesmo assunto, porém com diferentes abordagens. Através do interesse no tema central, é possível explorar as demais características sobre aquele assunto e essas características variadas também auxiliam em ampliar a perspectiva sobre o tema central, tornando-o mais compreensível.

Devido à quantidade de conteúdos disponibilizada no pacote informacional, é aconselhável a utilização de uma estrutura textual desenvolvida de forma que não canse o usuário, poupando seu tempo e evitando que este se desestime na utilização do pacote informacional. A objetividade do discurso proposta pela “3ª Lei de Usabilidade de Krug” (KRUG, 2005, p. 25), na qual o autor orienta à omissão de palavras desnecessárias, de forma a tornar o conteúdo mais direto, reduzindo o nível de confusão pelo destaque apenas o conteúdo útil, em uma exibição menor. Esse tipo de estrutura permite que a visualização pelo consulente seja mais ampla, proporcionando flexibilidade ao roteiro, o que possibilita ao usuário da informação maiores chances de perceber a conexão entre os conteúdos disponibilizados (WURMAN, 1991, p. 148).

O estímulo à curiosidade auxilia no processo de memória e assimilação dos novos conhecimentos (WURMAN, 1991, p. 146). Um possível recurso para esse estímulo é o que Davenport (2001, p. 99) denominou como “serendipitia”, que é a utilização de um elemento aleatório e inusitado, porém relacionado de alguma forma com o todo, o qual possibilita que a atenção do usuário seja retida por mais tempo, uma vez que o imprevisto evitará a estagnação temática. A serendipitia pode ser uma estratégia para surpreender, apresentar o novo e instigar o uso do pacote.

Meios de divulgação como portais, assim como o Catraca Livre, ou boletins eletrônicos, como o Brain Pickings, também são alternativas de recurso de divulgação e alcance maior de audiência (usuários) os quais a Curadoria de Conteúdos utiliza e podem ser adotados pelo serviço de Disseminação Seletiva da Informação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de revisão bibliográfica realizada para o desenvolvimento deste trabalho, foi contextualizada a importância da informação para a vida humana, uma vez que essa é a ferramenta para o conhecimento que permite ao homem seu convívio em sociedade, assim como orienta suas ações para sobrevivência, e, dada essa importância, é necessário um cuidado em relação à seleção dessas informações, de forma que o conteúdo acessado tenha maior qualidade e que a quantidade disponibilizada seja suficiente para agregar novos conhecimentos sem sobrecarregar o usuário dessa informação.

Foi apresentado o serviço de Disseminação Seletiva da Informação como alternativa para o acesso à informação de forma direcionada, contemplando os interesses específicos do usuário, o que poupa sua atenção e permite que este se mantenha atualizado e possa agregar novos conhecimentos a partir do que lhe interessa. Também foi descrito como surgiu esse serviço através do contexto biblioteconômico, descrevendo a importância da Biblioteconomia em relação à disseminação da informação, o setor de Referência como a área da Biblioteconomia a qual tem como objetivo apresentar novas informações aos usuários e/ou responder às suas necessidades informacionais e como o serviço de Disseminação Seletiva da Informação derivou desse setor. Foi comentado que autores como Souto (2010) e Barros (2003) alegam sobre a necessidade de mudanças no serviço de Disseminação Seletiva da Informação referentes à sua relação com o usuário,

apontando a importância de customização, de forma a ser uma ação mediadora e permita uma assimilação maior do conteúdo disponibilizado, auxiliando na educação e desenvolvimento do conhecimento (SOUTO, 2010, p. 5).

Também foi apresentada a prática da Curadoria, descrevendo no que consiste a prática curatorial e seu objetivo, explicando de forma sucinta os tipos de Curadoria mais conhecidos (Curadoria de Artes, Curadoria de Dados, Curadoria Digital, Curadoria da Informação e Curadoria de Conteúdos), especificando no qual consiste cada prática, e apontando que o curador não apenas seleciona o que é relevante e relacionado à determinada temática, mas preocupa-se em contextualizar os itens, de forma que o conjunto tenha sentido e explicita o tema.

Por fim, sugerimos como algumas estratégias características da prática de Curadoria de Conteúdos podem ser utilizadas para aprimorar o formato e estrutura dos pacotes informacionais, de forma que estes se tornem mais interessantes, atrativas e possibilitem melhor assimilação dos itens os quais o constituem. Os recursos apresentados foram a utilização de percursos que relacione os itens a partir da temática, apresentação da estrutura textual de forma objetiva e flexível, item inusitado (serendipitia) e a utilização de canais de divulgação comuns aos curadores de conteúdo.

Para pesquisas futuras, pode ser levado em consideração o uso crescente das redes sociais, onde usuários compartilham informações que consideram relevantes, à partir de diversas fontes. Esse tipo de curadoria é realizada entre a comunidade, de acordo com as suas perspectivas e fontes que possuem mais familiaridade.

A atuação do profissional nesse cenário pode ser a de mediador dentro de uma comunidade, indicando as melhores e mais adequadas fontes para compartilhamento, assegurando que haja coerência e veracidade nos conteúdos publicados.

Outra perspectiva que a curadoria contempla (esta poderá ser abordada com maior profundidade em pesquisas futuras) é a relação da curadoria de dados com o fenômeno *Big Data*, que conforme sugere NIST (2016 apus DUTRA; MACEDO, 2016), aborda os quatro estágios dentro do ciclo de vida de dados. São eles: coleta dos dados crus; preparação (onde esses dados são organizados) e na análise, onde ocorre a síntese do conhecimento para que este conhecimento adquira valor agregado.

REFERÊNCIAS

ACCART, Jean-Philippe. **Serviço de referência**: do presencial ao virtual. Brasília: Briquet de Lemos, 2012. 312 p.

AMARAL, Sueli Angélica do. **Marketing da informação na internet**: ações de promoção. Campo Grande, MS: UNIDERP, 2004. 330 p.

ANTUNES, Maria Thereza Pompa. **Capital intelectual**. São Paulo: Atlas, 2000. 139 p.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de. **Disseminação da informação**: entre a teoria e a prática. Marília, SP, 2003.

CASTRO, Mariana. Inesplorato. In: _____. **Empreendedorismo criativo**: como a nova geração de empreendedores brasileiros está revolucionando a forma de pensar conhecimento, criatividade e inovação. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2014. p. 12-33.

CÔRREA, Elisabeth S.; BERTOCCHI, Daniela. O algoritmo curador. In: CORRÊA, Elisabeth Nicolau Saad (org.): **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2012. p. 22-39.

CORTELLA, Mario Sergio; DIMENSTEIN, Gilberto. **A era da curadoria**: o importante é saber o que importa!. Mario Sergio Cortella, Gilberto Dimenstein. São Paulo: Papirus 7 mares, 2016.

DAVENPORT, Thomas H. **A economia da atenção**: compreendendo o novo diferencial de valor dos negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial**: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998. 237 p.

DUTRA, Moisés Lima; MACEDO, Douglas Dyllon Jeronimo de. Curadoria digital: proposta de um modelo para curadoria digital em ambientes big data baseado numa abordagem semi-automática para a seleção de objetos digitais. **Informação & Informação**, [S.l.], v. 21, n. 2, p. 143–169, dez. 2016. ISSN 1981-8920. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/27176>>. Acesso em: 28 fev. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2016v21n2p143>.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Serviço de referência e informação**. São Paulo, Polis, 1992. 167 p.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007. 152 p.

GRAÇA, Ana Catarina da Silva et al. O curador - da arte à informação. **Revista Científica Ciência em Curso**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 67-78, dez. 2016. ISSN 2317-0077. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/ciencia_curso/article/view/3400>. Acesso em: 24 set. 2017.

GROGAN, Denis. **A prática do serviço de referência**. Brasília, Briquet de Lemos, 1995. 196 p.

HUTCHINS, Margaret. **Introdução ao trabalho de referência em bibliotecas**. Margaret Hutchins. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1973.

KATZENSTEIN, Úrsula Ephraim. **A origem do livro**: da Idade da Pedra ao advento da impressão tipográfica no Ocidente. São Paulo; Brasília: Hucitec: INL, 1986. xiv, 455 p.

KRUG, Steve. **Não me faça pensar!**: uma abordagem de bom senso à usabilidade na web. 2. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2006. 127 p.

MARTINS, Myriam Gusmão de; RIBEIRO, Maria de Lourdes Guimarães. **Serviço de referência e assistência aos leitores**. Porto Alegre: UFRGS, 1972. 257 p.

MILANESI, Luiz Augusto. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. 116 p.

LEONZINI, Nessler. Apresentação. In.: OBRIST, Hans Ulrich. **Uma breve história da curadoria**. São Paulo (SP): BEI Comunicação, 2010. p.

MACEDO, Neusa Dias de. Princípios e reflexões sobre o serviço de referência e informação. **Revista brasileira de biblioteconomia e documentação**, São Paulo, v. 23, n. 1-4, p. 9-37, 1990. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/392/366> >

MELLO, Aline Ferreira de. **A curadoria de informação aplicada ao jornalismo**: uma análise comparativa de aplicativos móveis. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/7429>

PLACER, Xavier. **Técnica do serviço de referência**. Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Bibliotecários, 1968. 117 p.

RAMOS, Alexandre Dias. Apresentação. In:_____.**Sobre o ofício do curador**. Porto Alegre: Zouk, 2010. p. 9-13.

RAMOS, Daniela Osvald. Anotações para a compreensão da atividade do “Curador de Informação Digital”. In. CORRÊA , Elizabeth Nicolau Saad (org.): **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2012. 97 p.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2009. xxv, 336p.

RIGO, Érica Bastos. **A organização como curadora**: o setor imobiliário brasileiro no Pinterest. Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/88872>

SALVAGNI, C.F.. A curadoria de conteúdo como apagamento da incompletude. **Línguas & Letras** (UNIOESTE) , v. 16, p. 376-387, 2015. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewFile/12001/9194>>

SAMPAIO, M. I. C.; MORESCHI, E. B. P. DSI - disseminação seletiva da informação: uma abordagem teórica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 23, n. 1/4, p. 38-57, 1990. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/2801>>. Acesso em: 14 Nov. 2017.

SANTOS, Thayse Natália Cantanhede. **Curadoria digital**: o conceito no período de 2000 a 2013. Dissertação. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17324/1/2014_ThayseNataliaCantanhedeSantos.pdf>

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tarcízio. Curadoria, mídias sociais e redes profissionais: reflexões sobre a prática. In. CORRÊA, Elizabeth Nicolau Saad (org.): **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2012. 97 p.

SOUTO, Leonardo Fernandes. **Informação seletiva, mediação e tecnologia**: a evolução dos serviços de disseminação seletiva da informação. Rio de Janeiro: Interciência, 2010. 130 p.

TEJO, Cristina. Não se nasce curador, torna-se curador. in: RAMOS, Alexandre Dias (org.). **Sobre o ofício do curador**. Porto Alegre: Zouk, 2010. p. 149-168.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação**: como transformar informação em compreensão. São Paulo: Cultura, 1991.